

A black and white photograph of a forest floor covered in fallen leaves and twigs. The scene is dense and textured, with various shades of gray representing the different surfaces and shadows. The word "Editorial" is centered in the middle of the image in a bold, black, serif font.

**Editorial**



## Editorial

Ao pensar o tema que comporia o presente número da Revista *Cerrados*, “Acontecimento e Experiências Limites”, tivemos que ter em conta a própria lógica em que se configuram essas palavras. Em certo sentido, é necessário antes de tudo conduzir-se pelas sendas e pelos trilhamentos possibilitados pelo discurso teórico, da literatura, e pela noção de texto e suas pluralidades. Nessa necessidade habita uma dinâmica que se verá descortinada no intermeio dos ensaios e artigos aqui editados e tornados públicos.

Ora, diríamos mesmo de uma matéria de inquietação, de subversão, de exposição ao limite o pensamento do literário e para o literário. Em uma palavra, se quisermos, um problema de escritura. Os paradigmas – tanto literários quanto teóricos – sendo questionados por cada autor revelam uma experiência que, como diria Derrida, *s'exerce à la mort*, extremando-se e limitando-se, exercitando a própria alteração dos saberes para não negar uma afinação destes, mas sobretudo para afirmar o conteúdo de extenuação do pensamento e da linguagem, da lógica da diferença que se demonstra aqui no caminho dessas discussões.

Ao propor esse tema, as relações entre limite, experiência, rastro, fora e escritura são enfocadas para rearranjar uma possibilidade do dizer do acontecimento. Os indícios do ato, as pegadas em que se convertem as práticas da diferença, o que resta a ler no campo da responsabilidade com o outro são essas as marcas da experiência da escritura que reconhece o acontecimento como experiência e como limite. Em último caso, isso que reconhece a própria estrangeiridade da questão acerca do texto (seja ele o literário) se desloca e se recoloca em uma circularidade sintomatológica a propósito do signo. Assim serão os traços pelos quais o tema a ser desenvolvido aqui escapa, nesse transcurso acontecimental.

A ideia de acontecimento surge de um contexto francês do saber – dos estudos que vinculam pensar e linguagem – que se poderia marcar como pós-68, quando a dialética entra em discussão e o estruturalismo é colocado não como centro das relações acadêmicas, mas como um processo histórico que pode ser marginalizado e posto em xeque, discutido como um problema de hierarquia, como uma reinvenção paradigmática. Assim, maio de 68 não foi apenas, ocorre ainda. Não foi apenas um deslocamento sócio-político-educativo europeu, mas é demovido como processo de inversão, como tentativa de uma comunidade do impossível. O *événement* coloca-se como uma relação hermenêutica dual que não distingue linguagem do mundo, que se mantém no horizonte fronteiro da borda. Dito de outro modo, o *événement* caracteriza-se pela noção disjuntiva, o que o distinguiria de uma vez do mero “evento”, justamente no campo da sua única possibilidade no dizer, ou seja, somente ao dizer o acontecimento – e disso irá tratar a conferência que aqui traduzimos de Jacques Derrida – é que essa relação de (im)possibilidade se instala e, com isso, nossa responsabilidade – com o outro – produz-se eticamente.

Poderíamos fazer confundir a lógica do acontecimento com a própria noção de escritura e, com isso, instaurar o devir das significações no engendramento existente entre o sentido e seu paradoxo, entre “minha” responsabilidade e o texto literário que se exerce como teoria de si mesmo. Nessas rupturas, a experiência da escritura propõe uma problemática à questão do sujeito (e de seu desaparecimento) e, desse modo, à linguagem literária, que proporciona uma experiência sempre limítrofe entre história, pensamento e estética.

Dar conta de uma leitura, em ato, é propor, por isso, esse movimento de leitura sempre única como experiência entre forças e feixes de territorializações e desterritorializações. O inquietante da leitura limite está justamente em sua indecidibilidade, como propõe Derrida ao apontar o dever de uma experiência heterogênea – no pensamento da diferença – o assumir-se como decisão impossível e igualmente imperativa.

A experiência-limite, como a definiu Maurice Blanchot em *A conversa infinita*, é “a resposta que encontra o homem quando decidiu se pôr radicalmente em questão. Essa decisão que compromete todo ser exprime a impossibilidade de jamais se deter em qualquer consolação ou em qualquer verdade que seja”. Assim sendo, temos uma experiência que é o próprio pensar, negando-se e afirmando-se; o campo da afirmação excedente. Eis porque o limite é definidor dessa experiência, apenas quando há esse limite é que a experiência se confirma enquanto decisão. E a literatura não cansa de se mostrar nesse território.

Neste número da *Cerrados* temos, além dos artigos acadêmicos, uma conferência de Jacques Derrida, com tradução inédita em português, na qual as questões acerca do acontecimento, dom, perdão,

hospitalidade são discutidas a partir da noção de impossibilidade, e um texto inédito enviado por Jean-Luc Nancy, no qual, com uma escrita amplamente poética, intenta inscrever o lugar da literatura no campo do rastro e da indecisão teórica. Ambos, experiências limítrofes. Ambos, aberturas da própria operação da escritura.

À exigência última do acontecimento, instala-se o dizer último da experiência.

*Piero Eyben*  
*André Luis Gomes*



## Foreword

When we thought about the theme that would compose this *Cerrados* Journal issue “Event and Limit Experiences”, we had to take into consideration the very logic in which these words are shaped. In a sense, it is necessary above all to conduct ourselves into the possible paths left by theoretical discourse, of literature, and the notion of text and its pluralities. In this need dwells a process that will be seen through the essays and articles published here and made public.

Thus, we would even say that it is a matter of uncanny, of subversion, of exposure to the limit the thinking of the literary and to the literary. In a single word, if we wish to, this is a writing problem. The paradigms – both literary and theoretical – by been discussed by each author reveal an experience that, as Derrida would say, *s'exerce à la mort*; by exacerbating and limiting, exercising the very quarrel of the knowledge not to deny their timing, but rather to affirm the content of the mitigation of thought and language, of the logic of difference that is shown here in the way of this discussions.

By proposing this theme the relationships among limit, experience, trace, outside and writing are focused to rearrange a possibility of saying the event. The evidences of the act, the footsteps in which the practices of difference are converted into, what is left to be read in the field of responsibility with the other, these are the marks of writing experience that recognizes the event as an experience and as a limit. In the latter case, what comes to recognize the strangeness of the question about the text (may it be the literary) moves itself and replaces itself in a symptomatologic circularity in regard to the sign. So are the traits by which the theme developed here escapes in the course of events.

The idea of event comes from a French context of knowledge – the studies that matches thought and language – that could have been marked as post-68 when the dialectics is brought to discussion and the structuralism is placed not only as the centre of academic relationships, but as a historical process that can be marginalized and called into question, discussed as a problem of hierarchy, as a paradigmatic reinvention. Thus, May 68 was not a year that passed by, but it is still happening. It was not only a socio-politic-educative shift in Europe, but it is displaced as an inversion process, as an attempt of a community of the impossible. The *événement* puts itself in a dual hermeneutic relation that does not differentiate language and the world, that remains in the edged horizon of the border. In other words, the *événement* is characterized by the disjunctive concept, which at once distinguishes it from the mere “occurrence”, exactly in the field of its unique possibility of saying, that is, it is only when we say the event – and this is what the lecture of Jacques Derrida translated here is about – that this relation of (im)possibility is installed and, therefore, our responsibility – with the other – is produced ethically.

We could get mixed up the logic of the event with the notion of writing itself and, with that, establish the becoming of significations in the engendering between the meaning and its paradox, between my responsibility and the literary text which is exercised as the theory of itself. In this ruptures, the writing experience proposes a problematic to the question of the subject (and of its demise) and, in this way, to the literary language, that provides a borderline experience between history, thought and aesthetics.

Being able to deal with a reading, in act, it is to propose, therefore, this movement of reading, always unique, as an experience between strength and bunches of territories and deterritorializations. The uncanny of the limit reading is in its impossibility of decision, as proposed by Derrida to point out the duty of a heterogenic experience – in the thought of difference – assuming itself as an impossible and imperative decision.

The limit-experience, as defined by Maurice Blanchot in *The infinite conversation*, “is the response that man encounters when he has decided to put himself radically in question. This decision involving all being expresses the impossibility of ever stopping, whether it be at some consolation or some truth”. Thus, we have an experience that is the thinking itself, denying and asserting itself, the field of the surplus claim. This is why the limit is defining of this experience, only when there is this limit is that the experience is confirmed as a decision. And literature does not get tired of showing up in this territory.

In this issue of *Cerrados* journal, we will have, besides academic articles, a Jacques Derrida’s lecture, in an unpublished translation into Portuguese, in which the questions about the event, gift, forgiveness,

hospitality are discussed from the notion of impossibility; and also an unpublished text sent by Jean-Luc Nancy, in which, with a widely poetic written, attempts to enroll the place of literature in the field of trace and of the theoretical indecision. Both of them are limit-experiences. Both of them are openings of the writing's operation.

In the last requirement of the event, it settles the last saying of the experience.

*Piero Eyben*  
*André Luis Gomes*

*Versão*  
*Eneida Nalini*  
*Piero Eyben*